

PROPRIEDADES FUNCIONAIS DE PREDICAÇÕES COM O VERBO “IR”

Vinicius Maciel de Oliveira (UFRJ)

vmoliveira@me.com

Introdução

Este artigo, com base em dados do português brasileiro, busca analisar e descrever esquemas sintáticos formados pelo verbo *ir*, na condição de elemento predicador, associado a um constituinte não verbal localizado, prototipicamente, à direita da predicação. Tal constituinte basicamente consiste num sintagma preposicionado. Esses esquemas estão exemplificados a seguir.

(1): “Trulli- Tocado por Montoya, acabou **indo mais cedo para o chuveiro.**” (Opinião, Extra, 30/08/04, “Azar é o deles”)

(2): “Os espanhóis **foram às ruas,** em massa, contra a guerra muito antes.” (Cartas, JB, 28/03/04, “Terrorismo”)

(3): “Hoje é dia de escrever uma nova página da História do Brasil. Mais de 100 milhões de brasileiros **vão às urnas** eleger o presidente da República.” (Editoriais, JB, 27/10/02, “A Rosa do Povo”)

(4): “Aí depois- depois que ele morreu... dele **ter ido pro céu,** [aí-] aí apareceu um montão de capetinha assim, levou ele e levou ele pro inferno.” (PEUL, Amostra Censo, T05And)

(5): “Quem vai mesmo pagar a conta são as pequenas empresas fornecedoras de serviços e de produtos semimanufaturados, que, por sua vez, precisam reabrir seus orçamentos para sobreviver. Com isso, sobra para o consumidor final e os operários, que **vão para a rua,** por conta de mais um ajuste fiscal para cobrir o rombo dos cofres públicos.” (Cartas, JB, 27/02/04, “Desemprego”)

(6): “(...) a aluna subiu as escadas e **foi para sala de aula...**” (D&G – depoimentos escritos –, Ensino Médio, Narrativa recontada, Inf. 21)

(7): “Bem fez o presidente Lula, que, em seu encontro com o colega, americano George W. Bush, exigiu melhor tratamento para os brasileiros que **vão aos Estados Unidos.**” (Editoriais, Povo, 15/01/04, “Excesso de hospitalidade”)

A especificação funcional a que *ir* se submete nas conhecidas expressões de futuro, como “Amanhã vai chover”, está amplamente documentada em teses de Doutorado, dissertações de Mestrado, artigos científicos e capítulos de livros (cf. GIBBON, 2000; COELHO, 2006; OLIVEIRA, 2006; BRAGANÇA, 2008; entre outros trabalhos). Nos casos arrolados nos exemplos de (1) a (5), no entanto, *ir*, aparentemente funcionando como verbo predicador, categoria lexical mais básica dos verbos, parece formar com o *S_{PREP}* uma espécie de unidade compósita, que veicula uma expressão semântica resultante da vinculação do item verbal ao *S_{PREP}*.

Nos exemplos (6) e (7), percebem-se predicações bem próximas daquelas em que há um núcleo lexical, ainda que este último enunciado exiba um predicado que denote recorrência ou ritualização (BYBEE, 2010). De um modo geral, vê-se, nesses exemplos, um sintagma nominal com função sintática de sujeito e função semântica de agente, “a aluna”, em (6) e “os brasileiros”, em (7), que se desloca concretamente a um locativo, “sala de aula” e “Estados Unidos”, respectivamente. A consideração por predicações que, aparentemente, não exibem grau de lexicalização, como se observa nos exemplos (6) e (7), mostra que, é intenção desta investigação, também, o trabalho com as estruturas mais básicas com o verbo predicador *ir*, já que, segundo Goldberg (1995), numa análise do tipo Top-Down, da pragmática para a sintaxe, por exemplo, não

se podem desconsiderar nem as estruturas concebidas como mais básicas, uma vez que elas também são instanciações de um padrão construcional.

A pesquisa respalda-se na relação entre uso linguístico e emergência gramatical desencadeada ora pela repetição ritualizada/convencionalizada que, segundo Bybee (2010), pode gerar a perda de composicionalidade e analisabilidade, ora pela influência de aspectos menos linguísticos, tais como a cultura. Nessa linha de abordagem, Goldberg (1995/2006) propõe que as construções linguísticas licenciam os itens que as compõem, fato esse que permitiu a Traugott (2003) perceber a relevância do fator construcional para a gramaticalização, que passa a ser considerada um processo atuante dentro das restrições de determinado padrão construcional.

No que tange à compreensão de gramaticalização, reconhece-se que é possível abordar tal processo numa perspectiva de interface com a lexicalização, da maneira que Brinton & Traugott (2006) assumem. Os autores mostram que há muitas características em comum entre ambos os processos e que categorias lexicais e gramaticais podem ser dispostas numa escala gradiente em que há compartilhamento de propriedades, como gradualidade e unidirecionalidade, e contraste de outras, como produtividade e frequência, por exemplo.

Uma das hipóteses deste texto é de que *ir*, para se adequar às restrições da construção de que participa, sofre os efeitos iniciais do processo de gramaticalização, passando por um processo de extensão semântica, mas não se enquadra no *continuum* clássico de gramaticalização item lexical > item gramatical, já que o verbo parece não assumir uma função gramatical.

Como objetivos mais específicos deste trabalho, destacam-se os seguintes:

- (a) Analisar as propriedades morfossintáticas e semânticas das construções em foco, assim como descrever o comportamento destas em relação às instâncias de uso em que ocorrem, buscando-se perceber o papel dos fatores pragmáticos para a emergência dessas construções linguísticas. Para tanto, avaliam-se (i) as características semânticas do sujeito, como animacidade e controle; (ii) os aspectos acerca do sintagma nominal na função de locativo, como; e (iii) as especificidades da preposição. Além de uma descrição morfossintática e semântica, a pesquisa tem a finalidade de explicar a função que as construções com *ir* têm no discurso.
- (b) Submeter os dados à análise dos processos de metaforização e metonimização, para que se captem e se expliquem diferentes extensões semânticas. Com essa análise, objetiva-se obter informações para que aspectos de lexicalização da estrutura analisada sejam avaliados. Desse modo, testa-se, por meio de critérios de lexicalização, o grau de fusão entre os componentes da construção. Por se tratar de um fenômeno sincrônico, os resultados obtidos com esta etapa levam a diferentes níveis de lexicalidade.
- (c) A partir das investigações empreendidas na etapa anterior, busca-se estabelecer o estatuto categorial da construção em foco, analisando a categoria a que cada um dos elementos pode ser associado. Em outras palavras, essa etapa objetiva discutir se *ir* pode ser considerado em elemento auxiliar e se os outros elementos da construção são afetados por processos que promovem suas renovações categoriais.

A pesquisa conta com um total de 1137 ocorrências da construção *ir* [*para, a, em*] SN provenientes de textos orais e escritos do português brasileiro. Os textos orais consistem em diálogos entre informante e documentador e elocuições formais e informais sobre determinado assunto. Os textos escritos pesquisados foram obtidos a partir da coleta de dados em gêneros jornalísticos, mais especificamente os gêneros notícia e reportagem. O objetivo central do artigo é o de analisar a referida construção nos mais diversos textos do português do Brasil e, a princípio, não houve uma preocupação sociolinguística em estratificar os dados, de modo que fosse possível associar determinados usos a dadas categorias sociais ou linguísticas, no entanto, eventualmente

durante as análises, alguns aspectos ligados à natureza textual serão considerados, tais como a relação entre a manchete, numa notícia, e a ocorrência da construção em foco na tese, por exemplo.

Os dados de língua oral foram obtidos nos acervos Discurso & Gramática, com sede na UFRJ, UFRN e UFF, do qual se coletaram as ocorrências do *subcorpus* Rio de Janeiro, Niterói e Natal. Nesse banco de dados, analisaram-se os textos produzidos por informantes do primeiro ano do Ensino Fundamental, primeiro ano do Ensino Fundamental Supletivo, Ensino Médio e Ensino Superior. Para a composição do *subcorpus* oral, coletaram-se as ocorrências da construção em questão no Corpus do Português (DAVIES & FERREIRA, 2006), no qual, a partir de *inputs* sintáticos, como *ir* para N (nome), obtém-se uma série de ocorrências.

Os dados de língua escrita provêm do Banco de Dados do Discurso Jornalístico (PEUL), do qual se consultaram o arquivo "Notícias-Reportagens". Investigaram-se, também, os dados escritos obtidos a partir do endereço *Corpus do Português* e a partir da consulta ao buscador Google (www.google.com.br). A consulta *online* feita por meio desse endereço eletrônico representa uma tentativa de afirmar algumas hipóteses acerca de determinadas ocorrências não encontradas nos acervos previamente consultados. Além disso, vale ressaltar que os dados encontrados a partir de tal buscador estão de acordo com a premissa geral dos estudos baseados no uso, pois se reconhecem nos resultados dados efetivamente usados em situações reais de interação.

2. Linguística Centrada no Uso

Esta seção limita o campo teórico sobre o qual este texto se funda. O quadro teórico que será delineado conjuga (i) fundamentos gerais da Linguística Centrada no Uso (LCU), cuja propriedade básica consiste na interface entre funcionalismo e aspectos cognitivos; (ii) orientações acerca da mudança linguística impulsionada por esses aspectos cognitivo-funcionais, o que permite uma adequação dos pressupostos sobre os processos de metaforização, metonimização e lexicalização aos dados da tese; e (iii) o conceito de Construção Gramatical para a interpretação dos enunciados.

Esta pesquisa engloba, além das características mais gerais que regem a configuração de um sistema cuja base é a relação entre instâncias/situações de uso e a emergência de construções gramaticais (BARLOW & KEMMER, 2000; BYBEE, 2010, GOLDBERG, 1995; BRINTON & TRAUGOTT, 2005), os conceitos sobre a categorização de eventos, o que possibilita uma tipologia de predicados e dos constituintes a eles vinculados (DIK, 1997), além da noção de categorização linguística discutida por Taylor (1995).

A expressão “modelo baseado no uso” (usage-based model) foi cunhada por Langacker (1987), numa tentativa de apresentar as fundações de uma Gramática Cognitiva. O autor centra sua atenção aos usos reais de um sistema linguístico e ao conhecimento de um dado falante sobre esse uso.

Langacker (1987) mostra que uma gramática deve ser baseada numa relação entre capacidades linguísticas e outras não linguísticas que abarquem questões como perspectivação e domínios de experiência humana. Tomasello (2003) deriva tal definição, afirmando que “a dimensão gramatical da língua é um produto de um grupo de processos históricos e ontogenéticos” (TOMASELLO, 2003, p. 5), o que possibilita perceber que a história social de uma dada comunidade, assim como aspectos de sua cultura aliados ao fenômeno da frequência ritualizada, assinalada por Bybee (2003), provocam a emergência das construções linguísticas.

Barlow & Kemmer (2000) analisam uma série de propriedades necessárias, em maior ou menor grau, a estudos que se propõem a abordar fenômenos linguísticos com base em modelos centrados no uso.

De acordo com os autores, para um estudo dessa natureza, é necessária a relação estreita entre as estruturas linguísticas e as instâncias de uso. Isso significa que o sistema linguístico do

interlocutor é um resultado das instâncias ativadas pelo locutor aliadas à compreensão linguística. Dessa forma, percebe-se que o sistema se molda a partir de instâncias de uso, de maneira que determinados eventos instanciam estruturas previstas a partir das experiências dos usuários para modelar tal sistema. É importante ressaltar que existe uma estrutura cíclica nesse modelo, pois os eventos estruturam um sistema linguístico, ao passo que este se renova para ser permitido em outras instâncias de uso.

Uma das ideias básicas das abordagens centradas no uso é a noção de que as estruturas linguísticas são emergentes e, por assim ser, rejeita-se a proposta de que existe um compartimento no cérebro em que tais estruturas são armazenadas e são postas em uso a partir determinados procedimentos operacionais. Dessa forma, as informações são processadas por meio de associações entre diferentes áreas da cognição humana.

Barlow & Kemmer (2000), assim como Bybee (2003), comentam sobre o papel da frequência para o sistema linguístico. Ela é importante na medida em que molda um sistema, podendo causar mudanças e, por outro lado, manutenção de construções. Segundo os autores, a repetição frequente é resultado de fixações de regras que se tornaram hábitos para os falantes, aos moldes do que Tomasello (2003) chama de “um produto de um grupo de processos históricos e ontogenéticos” (op. cit.).

Seguindo essa linha acerca do papel da frequência, conforme aponta Bybee (2003), a repetição de uma construção pode provocar (i) enfraquecimento semântico, (ii) mudanças fonético-fonológicas, como redução e fusão; (iii) autonomia de uma construção, de modo que os itens que a estruturam percam seu significado isolado; e (iv) a perda de transparência semântica entre a construção gramaticalizada e seus correspondentes lexicais. A partir dessas propriedades, a autora sugere que níveis baixos de repetição levam apenas à convencionalização, níveis maiores podem levar ao estabelecimento de uma nova construção com suas próprias categorias e níveis de frequência muito altos levam à gramaticalização de novas construções e ao desenvolvimento de morfemas gramaticais.

Considerando-se tais consequências motivadas pela frequência, Bybee (2003) indica que há um efeito conservador, atuando sobre elementos frequentes, e um efeito de autonomia, incidindo sobre formas complexas, ou estruturas elaboradas morfossintaticamente, fazendo com que a estrutura se torne independente das formas que a compõem. Esse último efeito é especialmente relevante ao que se compreende por Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995), uma vez que a repetição frequente e ritualizada de uma dada estrutura permite, segundo Traugott & Trousdale (2013), a construcionalização de uma instância de uso, que licenciará os itens que poderão estruturar tal construção gramatical.

A proposta de Goldberg (1995) é de ordem mais cognitivista, já que o conceito de construção gramatical se vincula à apreensão de experiências do usuário em forma de sequências sintáticas. Tal abordagem é revisitada e concebida por autores como Traugott (2003), que busca explicar o fenômeno da gramaticalização a partir das restrições construcionais. Percebe-se, com isso, uma perspectiva mais funcionalista aliada a uma mais cognitivista e esta conjugação pretende ser o espírito de análises deste trabalho. A fundamentação em que esta tese se sustenta procura formular um quadro no qual seja possível propor análises que mostrem a importância das instâncias de uso (i) para a apreensão de construções com o predicador *ir*, assim como para (ii) a adaptação dos elementos que integram os padrões sintáticos observados nesta pesquisa, no que concerne aos efeitos da gramaticalização e da lexicalização.

Diante dessas considerações acerca das propriedades que regem um modelo cognitivo-funcional, ou uma perspectiva baseada no uso, um problema parece incomodar aqueles que, dessa abordagem procuram se valer. Noël (2007) comenta que, embora todas as propostas relevem a incorporação da referência contextual, tal procedimento é realizado com pouca sistematicidade e

rigoridade. Para Traugott (2009), o conceito de contexto, ainda que muito difundido nas propostas funcionalistas, é bastante vago e não aponta para um método específico que permita aos pesquisadores deslindar de maneira cabal um fenômeno linguístico, sob a consideração da referência contextual. Nesse sentido, cabe ao linguista restringir tal conceito de modo que, nele, caibam, os objetivos e as hipóteses de trabalho.

Por isso, nesta investigação, o recorte é feito em relação à perspectiva construcional (GOLDEBERG, 1995). Instâncias de usos, ou contextos, serão compreendidos como esquemas abstratos a partir dos quais emergem as construções gramaticais. Tais esquemas consistem em processos e atividades/eventos do cotidiano humano, como, por exemplo, alguém se movimentando até um dado lugar, corporificados em unidades construcionais com forma e sentido.

2.1 Mudança linguística

Embora o aparato sociocognitivo seja a motivação para uma estrutura poder incorporar-se o léxico de uma língua, por exemplo, uma construção tende a passar por processos internos regulares que tornam a sequência sintática mais regular e previsível dentro de um idioma ou de uma norma linguística. Desse modo, é possível que a gramaticalização seja uma etapa necessária à lexicalização, de maneira que os elementos integrantes se adaptem às restrições da construção candidata à incorporação ao léxico.

Nessa linha teórica, esta investigação trabalha com uma abordagem integrada entre gramaticalização e lexicalização, sob duas bases de pensamento: a primeira releva o processo de gramaticalização para a formação de estruturas lexicalizadas, ou seja, os itens gramaticalizam-se a favor de uma estrutura lexical; e a segunda considera que estruturas em vias de lexicalização e gramaticalização compartilham propriedades que permitem dispor etapas contínuas de mudança.

Brinton & Traugott (2005) fornecem subsídios ao trabalho conjugado entre lexicalização e gramaticalização. A problematização construída a partir da análise de *today*, no inglês, reflete a mesma situação aventada nesta tese acerca do fenômeno atuante na construção em foco nesta pesquisa. Em outras palavras, Brinton & Traugott (1995, p. 63) buscam delimitar as propriedades que podem conferir a *today* o status de afetado por gramaticalização ou por lexicalização. Enquanto Meillet (1958 apud Brinton & Traugott 1995, p. 63) considera *today* um caso de gramaticalização, entendendo que há a emergência de uma categoria gramatical, Hopper & Traugott (1993) o trata como uma fusão que resultou em um novo item lexical (*this day* > *today*).

Os autores definem lexicalização da seguinte forma:

Lexicalização é a mudança pela qual, em determinados contextos linguísticos, falantes usam uma construção sintática ou uma formação vocabular com uma nova forma de conteúdo com propriedades formais e semânticas que não são completamente derivadas ou previsíveis a partir dos constituintes da construção ou do padrão da formação vocabular. Ao longo do tempo, pode haver mais perda de constituência interna e o item pode se tornar mais lexical. (BRINTON & TRAUGOTT, 2005, p. 96)

Pode-se aproximar a abordagem de Brinton & Traugott aos propósitos desta pesquisa, a partir de algumas características específicas do processo de lexicalização apresentadas pelos autores. Eles comentam que o *output* desse processo pode ser uma forma de qualquer complexidade. Segundo os linguistas, a forma lexicalizada pode variar desde frases fixas ou expressões idiomáticas, que ainda apresentam certa variação de forma (*chutei o balde / vamos chutar o balde*), até expressões mais fossilizadas e desgastadas pelo uso (*embora / girassol*). De acordo com os autores, ainda, lexicalização envolve idiomatização pragmática, ou seja, os componentes semânticos vão perdendo sua composicionalidade e se tornam altamente idiossincráticos e bem abstratos.

Gramaticalização e lexicalização, portanto, são vistos, neste trabalho, numa visão macro, a partir da qual compartilham propriedades, de maneira que uma estrutura complexa candidata à

lexicalização pode sofrer mudanças internas via gramaticalização para cumprir tal objetivo de se incorporar ao léxico. Os elementos de uma sequência sintática em vias de lexicalização podem consistir em instâncias de usos ritualizadas estruturadas por meio de uma correspondência simbólica entre forma e função, isto é, numa construção. Assim, a formação de uma construção gramatical pode coincidir ou não com a formação de uma estruturas lexicalizada, já que, como é hipótese sobre o fenômeno em voga nesta pesquisa, nem todas as construções gramaticais com *ir*, necessariamente, devem caminhar para o léxico por meio do processo de lexicalização.

3. Propriedades das construções

De acordo com Goldberg (1995), uma construção gramatical consiste num esquema sintático com uma contraparte semântica, que pode sofrer variações, dependendo da interação dos componentes com o significado geral da própria construção. A identificação das construções com *ir*, no entanto, foi feita, levando-se em consideração, sobretudo, a contraparte semântica, já que o padrão sintático é o mesmo. A construção de movimento intransitivo, o único padrão sintático identificado, instancia interpretações que aproximam, semanticamente, tais estruturas das construções de movimento causado.

Em termos morfossintáticos, as construções apresentam um verbo que se vincula a um constituinte sujeito, que é afetado pelo próprio processo desencadeado por *ir*, e a um complemento preposicionado, configurado como um elemento não afetado ou não deslocado pelo sujeito. Essas características são importantes para a explicação do rótulo "movimento intransitivo". Gramáticas, como a de Rocha Lima (2006) e a de Mateus et alii (2003), entendem *ir* como um verbo que exige um complemento interno, contrariando uma tradição gramatical mais enfática que advoga a favor da intransitividade de tal verbo. Para Goldberg (1995), no entanto, a nomenclatura "movimento intransitivo" decorre da falta de afetação do complemento preposicionado projetado por *ir*, diferentemente de complementos como "A Maria jogou a bola".

(8) "(...) bem... o fato mais chato que não aconteceu comigo mas aconteceu com um grupo de amigos... que eu faço academia... há:: o que? há um mês atrás... então o pessoal... numa sexta-feira... todo mundo "ah:: uma cervejinha... (vamos beber) uma cervejinha... vamos fazer um churrasquinho" e tal... tal... tal... todo mundo muito alegre... muito brincalhão... e eu fui pra::/ saí da academia... comi o churrasco... bebi a cerveja... e **fui pra casa**..." (Corpus D&G - Narrativa recontada - Rio de Janeiro)

(9) "(...) eu não sei eu estava pensando - um livro que eu li há pouco tempo - que é sobre - pega toda a história da feitiçaria na Idade Média - como surgiu e tal - e os nego - os nego assim sabe? você vê altos magistrados - em relatórios - orgulhosos de terem queimado duas mil feitiçarias num dia - quer dizer na época aquilo tinha virado terror - que era só dizer " olha fulana olhou - - tinha um gato preto perto dela - e ela olhou meio assim - no dia seguinte beltrano morreu " né? - qualquer um **ia para a fogueira** mesmo né?

Todos os 1137 dados deste estudo apresentam uma estrutura sintática como a dos enunciados acima, ou seja, o verbo *ir* associado a um sintagma com função sintática de oblíquo. Depreende-se, a partir dessas ocorrências, no entanto, que, conforme adverte Goldberg (1995), construções gramaticais podem influenciar no comportamento semântico de seus integrantes e vice-versa. Assim, observa-se que o padrão sequencial *ir* + preposição + SN propicia diferenciadas possibilidades de significados, pois é uma instanciação de um evento concreto, a partir do qual, por meio de processos cognitivos, os usuários o manipulam em diferentes contextos linguísticos.

Todos os dados sinalizam algum tipo de movimento concreto ou abstrato, que pode ser ocasionado pelo próprio sujeito (movimento intransitivo) ou por outro agente (movimento causado). A ocorrência em (8) ilustra o controle que o sujeito tem sobre o processo decodificado pelo predicador *ir*, já o enunciado (9) revela um sujeito que não têm controle sobre o movimento

sinalizado. Nesse dado, - *qualquer um ia pra fogueira* -, exibe uma construção cujo sujeito é “conduzido”, ou seja, tem seu movimento provocado por algum agente. Esse caso revela um significado de condenação; “alguém é levado à condenação”.

3.1 Aspectos de mudança

Um dos critérios pré-estabelecidos para a realização da coleta dos dados para as análises acerca dos processos de mudança que ocorrem no interior da construção foi o da interpretação da sequência *ir* [para, a, em] SN como uma unidade compósita que evidenciasse uma expressão idiomática. Por assim ser, o elemento não verbal, que em predicções prototipicamente lexicais expressa um lugar concreto, como “a praia” em “vou à praia”, nos dados interpretados para esta etapa da pesquisa, comporta-se de maneira flutuante. Ora esse item aponta para um lugar mais concreto, ora para um lugar menos concreto. Nesse momento do texto, portanto, avalia-se a noção de espaço que é incorporada em diferentes graus de abstratização aos elementos não verbais que compõem a construção em estudo.

Heine, Claudi & Hünnemeyer (1991, p. 42), ainda que não estejam se referindo diretamente à noção de espaço, propõem uma relação entre tipos de conceito e graus de abstratização. Os autores demonstram que a expressão de um domínio sob a forma usual de outro, da maneira como ocorre com alguns dados desta pesquisa, é fruto de uma transferência conceptual, em que, de um lado, observamos um conceito fonte (*input*) e, do outro, alvo (*output*).

Tipo de conceito	Graus de abstratização
I. Básico (concreto)	Concreto
II. Derivacional	Pouco concreto
III. Relacional concreto	Mais abstrato
IV. Relacional puro	Puramente abstrato

Quadro 1: Relação entre tipos de conceitos e graus de abstratização.

Com base na relação proposta pelos autores, as expressões de lugar analisadas podem ser (i) diretamente motivadas, quando se tratar de um locativo concreto; (ii) parcialmente motivadas, quando o candidato a locativo se tratar de uma parte de um lugar ou se tratar de um componente de um campo semântico de um dado lugar; e (iii) não-motivadas, quando se tratar de um item que não aponta para qualquer locativo nem para campos semânticos próximos de um lugar concreto. Vejamos exemplos que ilustram esses três graus.

(10) “**Vai para a cadeia** atendente que enganou casal de idosos vencedor da loteria Um atendente de uma loja na cidade inglesa de Manchester foi condenado a 30 meses de prisão por tentar aplicar um golpe em um casal que havia ganhado um prêmio de um milhão de libras (quase R\$ 3,2 milhões) da loteria.” (www.bbc.co.uk - Acesso em 20 de agosto de 2012)

(11) “Mesmo com dores na coxa direita, Rogério Ceni **vai para o jogo** contra o Botafogo. O goleiro, depois de participar de treino específico para a posição e da atividade tática, deixou o treino desta quarta-feira mais cedo.” (www.tricoloromania - Acesso em 29 de agosto de 2012)

(12) No segundo show da turnê pelo Brasil, Madonna se apresenta nesta terça-feira em São Paulo. Porém, antes mesmo do show, os fãs **foram à loucura** na fila e no ensaio da cantora durante o dia. Alguns apaixonados garantem que ficaram mais de 40 dias na fila e outros que vieram da Paraíba para ver a rainha do pop de perto. Já outros não se contentaram em ir só em um dos shows. Além de Rio de Janeiro e São Paulo, eles acompanharão a diva em Porto Alegre. (<http://www.sbt.com.br/jornalismo/noticias> - Acesso em 30 de novembro de 2013)

O enunciado (10) mostra uma predicação com *ir* em que o locativo é acessado diretamente, sem a necessidade de algum tipo de interpretação especial, já que o item “cadeia” preenche os requisitos semânticos para se estabelecer como um lugar concreto. No exemplo (11), o SN “o jogo” aponta para um espaço depreendido a partir do contexto de “jogo de futebol”, que será executado num estádio/campo. Nesse exemplo, observa-se o processo da metonímia cuja base está “na possibilidade de se estabelecerem conexões entre entidades que co-ocorrem com uma dada estrutura conceptual” (Taylor, 1995, p. 123-124). Em (12), no entanto, nem por estratégias especiais é possível associar “loucura” a um espaço concreto. Nesse caso, não há motivação alguma.

Batoréo (2000) comenta que o (re)conhecimento da noção de espaço de um indivíduo depende de motivação e necessita de aprendizagem. Tal afirmação, que está de acordo com os comentários acerca dos dados (10) e (11), sugere que a expressão de lugar é uma combinação de processos cognitivos e sensitivos que são ativados mais ou menos diretamente.

O exemplo (12), por outro lado, mostra algo que está além do que se conhece de espaço. Considera-se, para esses casos, uma espécie de derivação que pode ser explicada por meio processos de mudança semântica. O item “loucura” não aponta para qualquer espaço perceptível, mas viabiliza uma interpretação espaço-temporal, já que existe um movimento para um ponto temporal (o processo dos fãs se tornando históricos). Essa interpretação associa-se ao que se entende por metáfora (TAYLOR, 1995).

Com base na explicação do autor, pode-se entender, sobre o objeto de estudo desta pesquisa, que o domínio do movimento no espaço é usualmente conceptualizado sob uma determinada expressão linguística, ou seja, sob a forma de um verbo de movimento mais a direção do deslocamento, porém, pelo fato de o domínio temporal ser usualmente associado (ou confundido, como afirma HEINE, 1993) ao domínio do espaço, conclui-se que, metaforicamente, a interpretação que se faz dessas entidades prototipicamente não espaciais (vide exemplo 12) é a de que se comportem como locativos temporais.

A distribuição dos dados em função dos níveis de abstratização do elemento que ocupa a posição de locativo está ilustrada na tabela a seguir.

Grau de abstratização	Número de ocorrências	Frequência
Diretamente motivado	260	45%
Parcialmente motivado	86	15%
Não-motivado	230	40%
Total	576	100%

Tabela 1: Distribuição dos dados de acordo com o grau de abstratização do nome.

Os números mostram que, independentemente, do sentido construcional que a sequência *ir* para SN exprima, o nome ocorre, mais frequentemente, com propriedades de um locativo concreto. Isso sugere, em conformidade com as análises acerca da animacidade do sujeito, que as expressões idiomáticas com *ir* ainda estão relativamente presas às restrições semânticas desse verbo, ainda que exista um equilíbrio com as construções compostas por nomes que não remetem a um locativo concreto (40%).

Esses números contribuem para a discussão de aspectos de lexicalização da construção. Na medida em que nomes, sem característica alguma de locativo, aparecem na posição projetada pela preposição, pode-se considerar que esses itens estarão mais “presos” ao contexto em que ocorrem, diferentemente de um locativo mais prototípico, como “Brasil” ou “Ilha do Fundão” que não são

restritos à construção *ir* [para, a, em] SN. Essa dependência ao contexto permite uma adesão mais acentuada desses nomes, deixando as construções mais lexicalizadas.

3.2 Expansão de uso por processos semânticos e por lexicalização

Com base em Zuluaga (1975) e Esteves (2012), elaboraram-se cinco parâmetros que sustentam a avaliação dos níveis de integração entre *ir* e seu complemento. Esses parâmetros, além de analisar o nível de lexicalidade, aborda aspectos de gramaticalização que afetam o item *ir*. São eles: (i) extensão semântica e dessemantização do verbo predicador, (ii) possibilidade de mobilidade do S_{PREP} em relação a *ir*, (iii) possibilidade de inserção de elementos na estrutura compósita, (iv) possibilidade de substituição do S_{PREP} e (v) possibilidade de substituição de toda a construção por um predicador de sentido equivalente.

As ocorrências usadas para esta análise passaram por um pré-julgamento acerca de seu grau de lexicalidade. Em outras palavras, coletaram-se os dados a partir dos quais se depreendia algum nível de congelamento semântico; construções que revelassem ser, em algum grau, expressões idiomáticas.

O primeiro parâmetro avalia o nível de desbotamento semântico do verbo predicador e do elemento nominal, comparando tais casos aos usos referenciais correspondentes. O seguinte testa a mobilidade do S_{PREP} , de modo que a impossibilidade de tal procedimento causa agramaticalidade e, conseqüentemente, evidencia uma relação mais acentuada entre os itens. O terceiro é testado com base em inserções de elementos entre os constituintes da construção. Quanto menos possibilidade de inserção, maior é o grau de lexicalização da estrutura. O quarto verifica se é possível substituir o S_{PREP} em questão por outro e manter o sentido. O quinto, e último, analisa se *ir* + S_{PREP} tem capacidade de alternar com um predicador simples correspondente. Nesse caso, o nível de lexicalização da estrutura é proporcional à possibilidade de substituição. Para cada parâmetro, apresentam-se exemplos de construções com distintos graus de integração, desde de exemplares prototípicos até os mais ambíguos. Será considerada bastante lexicalizada uma estrutura que apresente forte indício de congelamento semântico e fixação na sua estrutura.

Em alguns casos, *ir* e elemento nominal guardam mais claramente resquícios de seus significados lexicais prototípicos. Em outros, no entanto, o resgate da semântica básica não é conseguido com tanta facilidade.

(13) "Assim como as irmãs, outros adolescentes que foram ao parque, como as amigas Jéssica Moura e Letícia Dantas, ambas de 15 anos, contaram ter sido proibidos pelos pais de **ir aos rolezinhos** em shoppings. Para sair de Diadema, onde moram, elas escolheram roupas e sapatos simples, sem grife conhecida, porque temem roubos. "Nosso pai dá duro para nos dar as coisas. Não queremos que nos roubem", disse Letícia. "Tem gente que **vai no rolezinho** só para roubar", disse Jéssica." (Veja São Paulo - 18/01/2014)

(14) "Atual tricampeão do Aberto da Austrália e em busca de seu quinto título no Grand Slam realizado em Melbourne, Novak Djokovic segue em rota suave nesta edição do primeiro grande torneio da temporada. Ainda sem perder sets até aqui na competição, o sérvio desta vez venceu o usbeque Denis Istomin com parciais de 6/3, 6/3 e 7/5 para **ir às oitavas de final**." (Bem Paraná - 17/01/2014)

Os exemplos apresentam construções em que, da integração de *ir* aos seus argumentos, se depreende o processo de extensão semântica. Pelo fato de a coleta dos dados ter sido realizada em função do reconhecimento de algum grau de lexicalidade, todos enunciados desta etapa apresentam algum indício dessemantização ou extensão semântica.

A análise do exemplo (13) depende do contexto que o termo "rolezinho" ganhou na mídia no início do ano de 2014. Esse vocábulo que denota "dar uma volta em algum lugar" ganhou status de "protestos", em função da sanção que alguns jovens, julgados como mal-vestidos, sofreram num

passeio por um shopping em São Paulo. Este exemplo denota que "ir nos rolezinhos" não é apenas "dar uma volta", mas "dar uma volta para protestar" ou simplesmente "protestar". Em (14), Denis Istomin ultrapassou uma etapa para chegar a outra (oitavas de final), o que demonstra uma extensão de significado de *ir*, que passa a funcionar como um "condutor pelo tempo".

O parâmetro da dessemantização / extensão semântica revela que, em alguns casos, não se percebe uma alteração de significado de *ir* ou de qualquer outro elemento da construção, caso não se considere toda a construção. Às vezes a flutuação do significado é mais visível, mas, em outras, depende fortemente do contexto em que ocorre.

Os dados revelam que *ir* não assume, propriamente, uma nova função instrumental, o que denotaria um processo de gramaticalização, pois não há evidências da adequação do fenômeno em análise neste texto ao *continuum* item lexical > item gramatical. Há, sim, a atuação conjunta e sistemática dos processos de metaforização e metonimização. O primeiro é justificado pelo fato de haver a relação entre dois domínios (concreto e abstrato), em que se tem a transferência de categorias (partes de um domínio para o outro). O processo da metonimização acontece, pois o valor de "transferência" e "processo" fazem parte da base lexical de *ir* e em usos mais afastados da forma-fonte esses valores são postos em evidência. Dessa forma, elementos do domínio concreto que balizam a forma-fonte, com o traço [+ processo] são transferidos para o domínio-alvo; o domínio abstrato.

Barcelona (2003) enfatiza em seu discurso que não se deve relevar, para o processo de metonimização, apenas a questão da transferência conceptual. O autor sugere que o contexto discursivo seja considerado para determinar por que e como os usuários usaram uma parte pelo todo, por exemplo. Os dados desta tese reforçam esse encaminhamento de Barcelona, uma vez que exibem a integração entre sentido e instâncias de uso.

Considerações finais

Buscaram-se evidências para que não se enquadrasse o fenômeno descrito num quadro de gramaticalização, já que não se conseguiu demonstrar que *ir* percorre um caminho do léxico para a gramática; isto é, não se comprovou que houve decategorização (HOPPER, 1991). Verificou-se que esse item é afetado por dois processos semânticos, comuns em estágios iniciais de gramaticalização: a metaforização e a metonimização. Nesse sentido, defende-se a tese de que *ir*, nas construções analisadas nesta pesquisa, está em fase bem inicial de mudança.

Referências bibliográficas

BARCELONA, Antonio. The cognitive theory of metaphor and metonymy. In: BARCELONA, A. Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective. Berlin – New York: Mouton de Gruyter, 2003, p. 1-28.

BARLOW, M., KEMMER, S. (Org.). *Usage based models of language*. Stanford, California: CSLI Publications, 2000.

BATORÉO, Hanna Jakubowicz. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

BRAGANÇA, Marcela Langa Lacerda. *A gramaticalização do verbo ir e a variação de formas para expressar o futuro do presente: uma fotografia capixaba*. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Espírito Santo, 2008

- BRINTON, Laurel J. & TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BYBEE, Joan L.; PAGLIUCA, William, & Perkins, Revere D. Back to the future. In *Approaches to grammaticalization*, edited by Elizabeth Closs Traugott & Bernd Heine, ii.17-58. Amsterdam: John Benjamins, 1991.
- BYBEE, Joan. "Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency". In: Joseph, Brian & Janda, Richard(eds). *A handbook of historical linguistics*. Blackweel, 2003.
- _____. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- COELHO, Sueli Maria. *Estudo diacrônico do processo de expansão gramatical e lexical dos itens ter, haver, ser, estar e ir na língua portuguesa*. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- MARK DAVIES, MARK & FERREIRA, Michael J. *Corpus do Português*. GEORGETOWN UNIVERSITY.
- DIK, Simon. *Theory of Functional Grammar*. Editado por Kees Hengeveld. Berlin: Mouton de Gruyter. 2 v. 1997.
- ESTEVES, Giselle Aparecida Toledo. *Construções com DAR + Sintagma Nominal: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.
- _____. *A lexicalização de expressões DAR/FAZER + SN: fiz sacrifício, dei conta*. Tese de Doutorado - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.
- GIBBON, Adriana de O. *A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.
- GOLDBERG, Adele E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization. A Conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HEINE, Bernd. *Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E.C. e HEINE, B (eds.) *Approaches to grammaticalization*, v: I. Philadelphia, John Benjamins Company, (p. 16-35), 1991.
- HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth Closs Traugott. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- JOHNEN, Thomas. Da integração semântica de ir + infinitivo no sistema de verbos modais numa perspectiva de descrição semântica no âmbito de uma teoria de ação. Disponível em: http://www.geocities.com/ail_br/ail.html. Acesso em: 24 abr. 2007, 1999.
- MATEUS, Maria Helena Mira et alii. *Gramática da língua portuguesa*. 5a ed. Lisboa: Caminho, 2003.
- OLIVEIRA, Josane Moreira de. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2006.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

TAYLOR, John R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. 2. ed. Oxford: Calderon Press, 1995.

TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TRAUGOTT, Elizabeth. Constructions in grammaticalization In: JOSEPH, Brian D. e JANA, Richard D. *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell. 2003.

_____. Lexicalization and grammaticalization, Subjectification, intersubjectification, and grammaticalization, *Studies in Historical Linguistics 2*: 241-271. Chinese Academy of Social Sciences. Translated into Chinese by Chaofen Sun, 2009.

TRAUGOTT, Elizabeth & DASHER, Richard. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C. & TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.